

QUARTO DE DESPEJO E O CONCERTO DO EU

Um ensaio sobre a legitimidade da autoficção

Adriano Barreto Espíndola Santos

1 INTRODUÇÃO

A CONSAGRADA OBRA *QUARTO DE DESPEJO: diário de uma favelada* é um paradigma na literatura brasileira. Deu-se voz a uma mulher negra, favelada – algo inédito no país. A questão que ronda o pensamento é por que, em dado momento, os escritos de Carolina Maria de Jesus tornaram-se celebrados e encantados para parte da população brasileira – e logo para o mundo?

É certo que Carolina Maria de Jesus escancarou as agruras a que passavam as pessoas alijadas da sociedade¹. Mãe de três filhos, solteira, tinha de se virar como dava, e, para tal, foi boa parte de sua vida catadora de recicláveis². Empreendia o trabalho

1 “Deixei o leito as 7 horas. Estava indisposta. Graças a Deus o Alexandre sossegou. ... Esquentei comida para os meninos e comecei preparar para irmos no Centro Divino Mestre, para ganhar roupas para as crianças. Quando o povo via as mulheres da favela nas ruas perguntava se nós íamos no Gabinete prestar declarações”. (JESUS, 2014, p. 99).

2 “...Eu cato papel, mas não gosto. Então eu penso: Faz de conta que eu estou sonhando” (JESUS, 2014, p. 29).

duro enquanto, muitas vezes, levava os filhos para a acompanhar. Aspirava um por vir venturoso – a esperança era o seu sonho e patuá.

Varou a cidade de São Paulo à procura de sorte. E, nas suas andanças, relatava a dificuldade de se viver com muito menos do que o essencial, relegando à sua família uns poucos bocados de sobrevivência – era o limiar entre a extrema pobreza e a morte.

Aos filhos, preparava-lhes o melhor que possuía, carne, macarrão, sopa, e aguentava, na habitação improvisada, as variações do tempo, que em São Paulo, se sabe, é uma constante.

O seu luxo e prazer era saber ler e escrever. Assim, escrevia o tempo de sua extraordinária vivência, com todos os percalços, com os entreveros entre os demais moradores da favela de Canindé³, com os pedidos sempre urgentes dos filhos, para os quais, nem sempre, tinha como atender; e a vida em meio a lama e o caos⁴.

É aí que se tem o arcabouço de uma história digna de expressão global, como de fato ocorreu. Não houve arremedo nem meias palavras. Carolina Maria de Jesus foi firme e direta ao relatar os seus dramas, fiel à sua variação diastrática e à oralidade⁵.

3 “... Hoje brigaram aqui na favela. Brigaram por causa de um cachorro. A briga foi com uns baianos que só falavam em peixeiras”. (JESUS, 2014, p. 53).

4 “Durante as longas madrugadas acordada Carolina aproveitava a falta de sono para escrever o ambiente peculiar vivido descrevendo situações que não são de uma sonoridade tão harmônica, o chão é sujo – há lama e esgoto as casas são feitas em madeira, não há água encanada, o chão cheio de fezes e de lixo as brigas, gritarias os xingamentos que ocorrem de noite, as longas tosses de tuberculose dos vizinhos”. (MARTINS, FURTADO, 2021, p.12).

5 “Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha ba-

Ela contou sobre o cerne de uma sociedade doente. Trouxe à tona os sentimentos até então escondidos, colocados, invariável, para debaixo do tapete.

Houve um grande estreitamento à empatia e à alteridade, dois elementos importantes para o reconhecimento dos leitores quanto à essência da humanidade, e para a constituição de uma obra literária.

A obra, uma autoficção biográfica, é um diário confessional, que reconta, dia após dia, de forma singela, porém dura, a sobrevivência na cidade grande, com todos os seus contornos. O presente trabalho verificará o porquê de ser uma obra aclamada e, ainda, bastante lida e estudada pelo público.

Este ensaio se organiza da seguinte forma: no primeiro capítulo, tem-se a pretensão de aventar o sentido da Arte, propriamente o que seja a Arte, e a sua ligação com a obra relatada; no segundo, observa-se dois elementos essenciais à ficção, ou à autoficção, discutindo-os, para mostrar a legitimidade e a originalidade do trabalho de Carolina Maria de Jesus, quais sejam, a empatia e a alteridade; por fim, trata-se da variação social ou diastrática e a oralidade, muito presente na escrita da autora, que tornam o trabalho crível e genuíno.

nheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha”. (JESUS, 2014, p. 39).

2 A ARTE E O CHÃO

A Arte brota das mais sublimes pretensões humanas. Ou, diria, a Arte é *fé* que nos arrebatada do mundo dos homens, para a captação de alguma beleza sobrenatural. Só ela consegue aplacar a decadência e a barbárie, para consentir uma existência plena⁶.

Portanto, para todas as perspectivas, Arte tem a ver, essencialmente, com os planos do estranhamento e do imponderável; algo que ilumina e transcende, como dito, como substância de maior importância para a vida^{7 8}.

6 “Da poesia, Barthes já disse ‘*Poesia* = prática da sutileza num mundo bárbaro. Daí a necessidade de lutar hoje pela poesia: a poesia deveria fazer parte dos ‘Direitos do Homem’; ela não é ‘decadente’, ela é subversiva: subversiva e vital’. Lutar pela poesia para se submeter e submeter quem quer que seja a seus cuidados sutis, subversivos, vitais” (PUCHEU, 2016, *online*).

7 “Em *A arte como procedimento*, V. Chklovski diferencia o discurso poético do prosaico, através do estabelecimento das disparidades entre os objetivos e imagens criadas por cada um desses discursos. O autor esclarece que, durante anos (e talvez ainda hoje), houve uma tentativa de generalização e aproximação das finalidades desses dois meios de expressão que, somente quando tratados nos limites de suas peculiaridades, podem ser efetivamente compreendidos. Ao tratar as diferenças entre a língua prosaica e a língua poética, o ensaio apresenta dois processos que são a chave para a compreensão e distinção das funções das imagens por elas criadas: os processos de automatização e singularização. Assim, por meio dos exemplos citados, consegue-se perceber que, para Chklovski, a imagem do discurso cotidiano é facilitadora e procura encurtar o caminho da percepção, enquanto, **na poesia, a imagem é provocadora, procura estender ao máximo a percepção e acaba por criar um discurso efetivamente instigante e, por isso, elaborado**”. (COSTA, 2012, *online*, grifo nosso).

8 “Chklovski achava que a busca pelo insólito, pelo não familiar durante o processo de criação seria capaz de libertar o espectador da letargia mental, realizando assim a tão almejada comunicação estética. Segundo ele, a função inicial da arte seria a de causar esse tipo estranhamento perceptivo no fruidor. Pensado por esse ângulo, o estranhamento artístico seria, por definição, exatamente o oposto de alienação; algo que deveria orientar o artista criador durante seu trabalho”. (VAZ, 2014, p. 45).

Pensa-se que a língua, na concepção de Arte, tornou-se palpável e palatável quando se entregue às suas tessituras de coração; ou seja, na mais humilde cadência de estar enraizado à literatura. Absolutamente, nada é proibido na literatura. E a liberdade, esta utopia possível pela literatura, deve arder no peito de quem a ama.

O sumo sentido da Arte, a poesia, voa acima do solo dos homens; adentra o âmago e atíça as sensações mais agudas, sobre o que se pode perceber pelo que fora definido por Aristóteles, na catarse, em “Poética”.

Vê-se, como no caso em tela, de Carolina Maria de Jesus, que há tanto o arder pela literatura, quanto o desejo de permanecer sonhando para merecer a vida em plenitude – como de fato se pode comprovar o desejo latente de redenção em seus escritos. O que é a Arte senão a busca suprassensorial pelo que seja a vida; a pergunta nunca respondida pelos filósofos, mas que encontra esteio na dádiva da literatura e na poesia.

O escritor tem o poder/dever de sacudir as vicissitudes da vida comezinha, levando, assim, o leitor à reflexão, ao autorreconhecimento pela alteridade e pela empatia. No diário de Carolina encontram-se estampados os dramas de uma realidade que não pode ser superada se não for pela potência da palavra incisiva, cortante. A palavra, ora, ganha o escopo de prodígio, pela promessa intrínseca de que levará a poeta à consagração da dignidade⁹.

9 “Os escritos pungentes de Carolina de Jesus revelam uma expressão forte, mais

Em se tratando de *Quarto de despejo*, nota-se que a novidade é um traço inconfundível – ainda que de forma intuitiva e natural. É, por conseguinte, uma obra aclamada justamente pela composição simples, em que se preserva a maneira de falar da autora em sua autoficção, estando agarrada ao chão dos acontecimentos correntes da população de sua convivência, dando, por sorte e destino, o poder do estranhamento captado pelo leitor.

Carolina Maria de Jesus quis dar vazão aos seus sentimentos e às suas percepções mais íntimas. Intentou, e conseguiu, mostrar ao leitor que a crueza é uma realidade de parte da população. Ao passo que a escrita, para ela, era uma maneira de extravasar as emoções baldadas, desperdiçadas pelo silêncio de sua voz inaudível para as autoridades – como relata a presença, na favela, de políticos que só vinham à localidade para pedir votos.

Então, seria *Quarto de despejo: diário de uma favelada* uma obra em alta consideração no panteão dos deuses da literatura? Cabe ainda outra pergunta: a referida é considerada literatura?

É preciso dizer que a Arte não pertence a ninguém; não é, portanto, exclusiva a um setor ou uma casta da sociedade. Ela se concebe no chão da feira, da escola, e na subversão. A Arte é a representação do insólito, das distorções, da diversidade e da

fiel da dura rotina que incomoda e encanta ao mesmo tempo. Sua literatura marca o cotidiano nas ruas de São Paulo em busca dos restos que vão garantir a ela as mínimas condições de vida, para suprir tanto as si como seus filhos. Carolina de Jesus dialoga a linguagem da fome, da escassez, do descarte onde a tensão discursa e encaminha o leitor a uma poética de resíduos em contraposição às misérias vividas e a momentos que ela fala das valsas vienenses que escutava em seu barraco, muitas vezes há poética na sua própria miséria”. (MARTINS, FURTADO, 2021, p. 10).

beleza, que, por óbvio, não pode estar em um setor determinado.

Veja-se que a Arte de Duchamp estava num urinol pré-fabricado, que ganhou expressão sobretudo pela ousadia; chocar foi a sua decisão. Ainda que não fosse diretamente a pretensão de Carolina Maria de Jesus, chocar é um fato que está nas linhas de *Quarto de despejo*; é o choque da realidade, que atordoa o pensamento mais conservador, ou do incauto desconhecedor dos meandros da opressão mundana.

Carolina Maria de Jesus embalou e nos entregou a arte da sobrevivência numa sociedade capitalista e desigual. Que se pode esperar de uma vida marginalizada? Muitas vezes, infelizmente, a morte aplaca as dores de muitos; mas, no caso de Carolina, mesmo que com a morte à espreita, teve a necessidade de vibrar as suas tensões no papel, para que, pela empatia, fôssemos apanhados pela sua dor, real e vívida.

A Arte não tem fórmula. Não se parte principalmente da beleza para constituir uma poesia. A poesia é, em qualquer lugar, em qualquer instância. A obra referida acumula, na dureza e na dor, uma série de acontecimentos poéticos. Estranha e atordoa a falta de alimento para um filho; estranha e atordoa a perda de uma moradia para a enchente; estranha e atordoa alimentar-se e aos seus com ossos; o presente não recebido; as promessas mentirosas; os enganos de todos os dias pagãos.

Quarto de despejo é concerto do eu desesperado, em que, nas palavras e na escrita, se busca alguma salvação. O registro das imprecações a que Carolina sofreu é uma mostra de que a

literatura se faz e se compõe na cultura popular, como uma espécie de ligação entre o céu e a terra; como um clamor que não se faz em vão.

Sendo uma obra biográfica¹⁰ e a Arte, a autora cria uma personagem para se desvincular de si, quando está, de todo modo, inteiramente vinculada aos acontecimentos, pois que o reconta a partir de suas experiências. Essa, portanto, é a magia da autoficção, porque, através da construção de uma personagem, ela pode se afastar do processo de criação para dar voz às personagens que lhe registram.

3 EMPATIA E ALTERIDADE

A obra de arte, na qual está inserida a literatura, carece, como dito, da recepção do leitor, a fim de proporcionar-lhe a purificação dos sentidos – como na concepção de catarse de Aristóteles –, e o estranhamento.

Para isso, natural que a recepção do leitor seja estreitada pelo sentido da alteridade e da empatia, como uma forma de reconhecimento e pertencimento. Cida Fernandez (2020, *online*)

10 “A obra apresenta-se em forma de diário, foco em primeira pessoa. A biografia da autora é bastante próxima da vida da narradora do diário. Não há como desvincular a autora da narradora; porém, não perceber que o foco narrativo é uma criação literária é não entender a especificidade do texto criativo. A autora cria uma personagem para falar de si, distanciando-se de si mesma e vendo-se de modo exotópico. Outros discursos sobre essa personagem também emergem na obra, sendo ela, portanto, visualizada por outras vozes. Carolina de Jesus, ao falar de si, cria personas literárias que a dizem”. (FANIN, VILELA, 2014, p.7).

assevera que a literatura nos importa pela alteridade, pelo fato de ser porque o outro é, e que todos nos ligamos pela intersecção de um único sistema social.

Note-se que, de modo natural, a literatura abarca a alteridade, de aproximar a percepção do outro, de ser porque o outro é, como assevera a filosofia africana Ubuntu, para potencializar o senso da coletividade, para, enfim, conseguir-se a esperada paz social.

A literatura, por certo, é o condão para reflexões densas, acerca do homem no meio social, e dessa cadeia durável que nos une a todos. Não cabe à literatura a incompreensão e o pouco-caso. A alteridade provoca, naturalmente, a empatia no leitor, de estar e fazer parte de um todo comum, inclusive para compreender casos de opressão e desídia, como bem se conhece da obra de Carolina Maria de Jesus. Aí o leitor é provocado pela violência de cor, pelo abuso de poder, pelo descaso público, que cabe às personagens, espalhados pela vida real chocante, que, por si só, atija também o sentido do estranhamento¹¹.

Segundo o grande crítico literário Antonio Candido (2011), incumbe dar ênfase ao direito inalienável à literatura – escassamente ofertado à camada pobre da sociedade; fato que acometeu Carolina Maria de Jesus. Trata-se de material recolhido

11 “A literatura estimula e alimenta nossa imaginação, que é a essência da nossa humanidade; nos provoca e possibilita o exercício da alteridade, pois nos coloca no lugar de outra pessoa (as personagens); contribui para o desenvolvimento do nosso repertório linguístico, aumentando nossa capacidade de comunicação com o mundo; e, ainda, nos propicia de uma outra maneira conhecer o desenvolvimento do mundo e os conhecimentos produzidos ao longo da história”. (FERNANDEZ, 2020, online).

de sua palestra, compilada na coletânea *Vários Escritos*. Diz-se que a literatura está radicada em nossa esfera sociocultural. Logicamente, compreende-se que o desenvolvimento humano está vinculado à literatura, pois que pertencente à nossa disposição inata para imaginação¹².

[...] a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou

12 “Cândido definiu a literatura como toda criação de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Nesse sentido, não passamos mais de um dia sem mergulharmos no universo da imaginação e da fabulação. Contamos, vivemos, sonhamos e imaginamos histórias. Além do que, a literatura é um instrumento poderoso de instrução e de educação, prossegue o crítico”. (GODOY, 2020, online).

econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (CANDIDO, 2011, p. 176-177).

Destaque-se, nesse seguimento, que a literatura é fenômeno da sociedade, que abrange culturas distintas, em todos os tempos, mesmo nos mais remotos, com o compromisso de ser um inarredável direito humano fundamental. É instituto do qual não se pode prescindir, pelo dever de todas as nações quanto à proteção e à promoção da cultura, para inaugurar o desenvolvimento intelectual, desde a mais tenra idade.

Lendo-se *Quarto de despejo*, encontra-se o poder de extravasar, pensar além, mesmo que rebentado de realidade. Perdido entre as estrias intrincadas da favela de Canindé, é possível confrontar-se com o tempo da maldade, com a situação a que as pessoas marginalizadas eram submetidas à época – o que não difere muito dos nossos dias –, vendo-se alheadas de tudo, e, principalmente, do poder da literatura, resgatado e contado à elite pelo viés de uma moradora que percebia, intuitivamente, a força da escrita.

Certifique-se que a empatia e a alteridade denotam participar da senda da tragédia suportada pelo outro, com esteio na subjetividade, inerente à capacidade imaginativa do homem¹³. É dizer que a reciprocidade das relações humanas está presente,

13 “[...] a alteridade projetada pela ficção científica seria capaz de desnaturalizar a realidade objetiva, revelada enquanto histórica: não mais palco estático sobre o qual caem os indivíduos, mas resultado incerto das suas ações incertas”. (NUNES, 2013, p. 16).

também, na literatura, porque é obra humana, e se projeta por ela em razão de ser direito fundamental, como determinado por Antonio Candido¹⁴.

Como declaram ALMEIDA e PIAZZA GAI (2020, p. 37), é através da empatia que se evoca a humanidade do leitor, colocando-o a par das tragédias sociais, de um sistema ao qual ele pertence¹⁵, considerando a sensibilidade da autora-personagem para transpor para o papel as suas mazelas. A atitude moral da empatia leva-nos, assim, a comungarmos da natureza dos acontecimentos humanos.

3 A VARIAÇÃO, A ORALIDADE E A LEGITIMIDADE DA ESCRITA

A variedade, assim como a diversidade, são movimentos naturais da língua, próprias da natureza. De modo que a língua não

14 “Esse senso de reciprocidade relaciona-se diretamente com o reconhecimento da alteridade como premissa para a reflexão. O texto de Ginzburg foca-se, em primeira instância, na literatura e na formação do leitor de literatura, do ponto de vista do reconhecimento dos direitos humanos. Se relaciona, nesse sentido, com o clássico “O Direito a Literatura”, de Antonio Candido, em sua compreensão da importância da literatura no contexto dos direitos universais do cidadão. Porém, diante do quadro apresentado anteriormente, é possível expandir a reflexão para todo o universo das humanidades, quando somos postos diante da problemática da interferência”. (DINIZ, 2015, p. 205).

15 “Nesse sentido, podemos afirmar que tanto Gógol quanto Dyonelio manifestam sensibilidade para os dramas humanos, focalizando especialmente os sujeitos que buscam dentro de si formas de enfrentar uma realidade assustadora e apelando assim à humanidade do leitor. Aqui, a hermenêutica, por contemplar uma atitude moral de empatia, de colocar-se no lugar do outro a fim de ampliar os possíveis sentidos da interpretação literária, parece proporcionar-nos uma perspectiva preciosa não apenas do texto, mas da própria natureza humana, do universo em que nos inserimos”. (ALMEIDA e PIAZZA GAI, 2020, p. 37).

é um objeto moldado pela gramática normativa, mas o contrário, a gramática é que deve se moldar às variações, às acomodações adequadas da linguagem.

É um processo que não carece, especialmente, da ingerência de algumas instituições, ainda que, sabidamente, respeitadas e importantes para a compilação das mudanças atinentes. Acontece porque tem de acontecer, para dar “voz” à cultura, à necessidade premente de se comunicar.

Note-se, por exemplo, o português europeu e o português brasileiro. Guardam bastante diferenças, notadamente pela distância regional e pela constituição de um povo, como o brasileiro, repleto de entes de diversas origens.

No que concerne ao livro *Quarto de despejo*, vê-se muito bem que a autora narra os acontecimentos de sua vida da forma mais espontânea – ainda, com a inclusão de certas expressões cultas, para atestar o seu domínio da leitura. E, por sorte, ao ser editado o material, preserva-se a variação social que caracteriza a genuína expressão popular.

Não há, pois, a correção gramatical de certas palavras ou orações, com o fito de preservar a essência do lugar, da gente, de forma que impera, assim, a legitimidade da língua falada, tornando crível a história, e aproximando o leitor justamente pela dita empatia.

Quer-se, por força dos acontecimentos, embrenhar-se na história, participar dos sentimentos, como o medo, a desesperança,

ainda abarcando, por exemplo, as dores e as opressões a que as personagens são submetidas.

A variação diastrática ou social¹⁶ e a naturalização da fala para a escrita estão presentes porque, decerto, levam o leitor à intimidade com o que se apresenta. E é aí que a obra se inscreve como Arte, pelo estranhamento, pela disposição da purificação, ao amparar-se pelos dramas, sem quaisquer maquiagens, sem subterfúgios que possam lesar a apropriação que se conserva dos sentidos.

Ainda assim, a relatada obra sofreu e sofre muitos questionamentos de “bastiões da língua”, e, com isso, revela o preconceito linguístico quanto à fala da personagem/autora¹⁷. O fato é que, com o seu modo de narrar, Carolina Maria de Jesus expõe a sua condição social, o que incomoda sobremaneira a nossa

16 “Essas variações estão ligadas a condições socioculturais dos falantes, tais como a faixa etária (jovens e idosos não falam do mesmo modo), gênero (homens, mulheres, homossexuais podem se expressar de maneira diferente em determinado contexto), escolaridade (um analfabeto não se expressa da mesma maneira que um falante de nível superior), etc. As variações diastráticas podem ser influenciadas por fatores ligados ao grupo social, à situação de comunicação ou a ambos concomitantemente”. (MELO, 2014, p. 82).

17 “E é a partir dessa combinação dos marcadores de diferença racial e de classe que Carolina se faz notar, uma vez que, sabedora de sua condição e vivenciando na pele toda forma de discriminação e preconceito, percebe que só se tornando escritora, escrevendo a respeito de suas desventuras é que pode “banir” sua origem de negra e favelada para adentrar ao mundo dos brancos, conquistando sua tão sonhada inserção social. Tornar-se autora significava, para ela, assumir uma posição social em que tenha prestígio, para ser aceita e poder manejar os códigos e símbolos estabelecidos pela sociedade branca. Entretanto, o caminho percorrido por Carolina foi árduo e permeado de muito preconceito. Sua inserção no mundo das letras foi curta demais, durou apenas o suficiente para que alguns dela se aproveitassem e a descartassem quando achassem necessário. Prova disso é que, ainda hoje, se questiona o valor literário de suas obras, como atesta o senhor Ivan Proença”. (FERREIRA, 2019, p. 15).

sociedade elitista – uma forma já não tão velada, dentre tantas, de se fomentar a desigualdade¹⁸.

A rejeição de alguns, de todo modo, não é capaz de diminuir o brilho ou a complexidade da obra – ela se sustenta e se engrandece por si –, e ensina que a variação é uma condição natural da língua, que se pode, através de suas letras não ortodoxas, encontrar a beleza de uma escrita literária genuína e potente, capaz, como bem o é, de sobrepujar as barreiras do preconceito e da desigualdade.

Ademais, a capacidade, pela empatia, de se colocar no lugar do outro, de se inserir na dor do outro, como evoca a obra de Carolina Maria de Jesus, dissipa a possibilidade de algum preconceito linguístico. O leitor, apto a perceber o multiculturalismo, aberto à diversidade, é muito mais que um mero leitor, é um ente vinculado à obra, podendo propagar a sua relevância no meio social, como de fato acontece na prática, onde muitos são envolvidos pela verve da narrativa viva¹⁹.

Nítidamente, há um vínculo estreito entre a oralidade e a

18 “O problema não é a ausência de concordância de número ou até mesmo o rotacismo. O problema é o que, ou melhor, quem esses fenômenos linguísticos representam. A sua fala denuncia se você pertence à sala de visitas, com lustres de cristais ou ao quarto de despejo”. (MARTINS, 2023, p. 25).

19 “No intuito adequado de minimizar as diferenças, priorizar a harmonização e o entrelaçamento entre a alta cultura e as culturas minoritárias, segundo a perspectiva dos estudos culturais, o caminho mais provável será coadunar os estudos literários com o multiculturalismo. A literatura possibilita ao indivíduo a aquisição de valores e regras de conduta que o fazem refletir, sentir e posicionar-se no mundo. A pesquisa em literatura que permita que o investigador se veja no lugar do outro possibilitará maiores chances de libertá-lo de conceitos pré-estabelecidos, dos preconceitos e, quiçá, torná-lo capaz de viver com a diversidade do outro e do mundo, assim como posicioná-lo com atitude coerente frente à outridade”. (FERREIRA, 2019, p. 12).

escrita, para tornar o texto verossímil, é o que ressalta MELO (2014, p. 34):

Quarto de despejo vai além do mero aspecto documental, constituindo uma narrativa particularizante, em que a narradora deixa suas marcas pessoais e procura imbricar a escrita com a realidade, a fim de firmar um pacto com a veracidade.

Carolina Maria de Jesus possuía pouco estudo, o que não a fez deixar de buscar palavras cultas para compor a sua escrita, pois que era devota da leitura. Ainda assim, o que marca o seu texto é a oralidade, com muitas expressões populares, gírias e apelidos por vezes jocosos, para ilustrar a sua querência por dias melhores.

Carolina queria projetar, em seu diários, a imagem de uma escritora culta, que tinha conhecimento da língua que falava, fazendo questão de usar palavras raras. No entanto, a linguagem de seu cotidiano salta em suas páginas, são marcas linguísticas, próprias da fala popular, não coloquiais e cultas, que representam seu dia a dia”. (SANTOS, 2016, *online*).

Pensa-se, por isso, que a legitimidade da escrita de Carolina Maria de Jesus está especialmente na disposição por acatar e produzir um diário em que se exprimem, de modo natural, as vivências corriqueiras de uma favelada. Não há, pois, traço de formalismo, e contornos que sejam capazes de engessar

a escrita, o que eleva o texto à condição de parceiro da alteridade – encontrar-se no outro –, e da empatia – sentir com o outro.

Essa talvez seja a “fórmula” para o sucesso do livro em comento, datada a sua publicação de 1960, transpondo gerações, ou mesmo aproximando-as pela empatia. O que existe é a curiosidade viva em perceber os meandros de uma sociedade, à época, largada à própria sorte, numa favela (Canindé) que constituía o antro da desumanização, onde se vivia em meio ao lixo, às doenças e às calamidades.

Há de se falar sobre o prazer da escrita de Carolina Maria de Jesus. Não era um fardo, por exemplo, relatar o desgosto em morar na favela – uma condição que lhe foi imposta pelas circunstâncias –; as brigas e os poucos dias de ínfima tranquilidade.

Para falar da marca da oralidade, é imperioso dizer que Carolina Maria de Jesus, em boa parte do texto, mesmo almejando atender à norma culta, insere expressões coloquiais, pertinentes ao seu dia a dia. Por isso, em dados processos fonológicos, suprime segmentos, como vogais, semivogais e consoantes, sem, contudo, apresentar o apagamento dos mesmos²⁰.

Vê-se, ademais, que a adesão à proximidade com o texto se dá, inclusive, pelo estilo ancestral negro preservado. Ou seja, na edição analisada não há qualquer interferência no estilo da autora, que

20 “Analisando a obra, percebemos a existência dos processos fonológicos de apagamento, caracterizado pela supressão de algum segmento, seja ele uma vogal, consoante ou semivogal, ou, até mesmo, o apagamento da sílaba por inteiro. Em Quarto de despejo, foi possível identificar apenas um caso de apagamento de róticos, porém são inexistentes na escrita da autora casos de apagamento de vogal, consoante, semivogal ou sílaba”. (SILVA, SILVA e SILVA, 2019, p. 155).

suplanta qualquer ideia de incorreção; na verdade, é a marca de sua gente, como dito, de seus ancestrais, e o leitor quer conhecê-lo, respeitado o léxico, na sua íntegra²¹.

Ademais, como salienta a escritora Conceição Evaristo (CULTURA OUL - REDAÇÃO, 2021, online), para além do questionamento quanto à correção gramatical do texto, deve-se pensar que a autora, por ser múltipla, pode, sim, ser lida de várias maneiras. A autora mencionada defende, como um pensamento uno do meio editorial, que não se deve mexer no texto de Carolina Maria de Jesus, seja do ponto de vista ortográfico, gramatical ou de conteúdo.

A obra não deve ser revisada, também, pelo seu componente histórico, pois que expõe um fato social que precisa ser apreciado em sua essência, para que conheçamos o seu valor multicultural. É, sem dúvida, objeto de estudo para a posteridade, como ora se faz, pela sua importância.

4 CONCLUSÃO

Tem-se, no presente trabalho, a exposição de conceitos e chaves que apresentam a veracidade e a originalidade da obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*.

21 “O problema não é o texto da Carolina; o problema é a incapacidade da sociedade compreender a gama de estilos que mora na nossa língua. [...] Quando a gente simplifica a questão dizendo ‘ela escreve errado’, [...] quase sempre a gente perde uma coisa muito importante, que são as estilísticas ancestrais negras que estão no texto dela”, afirmou o escritor Allan da Rosa”. (CULTURA OUL - REDAÇÃO, 2021, online).

Vê-se que a obra aclamada reúne as condições para atravessar gerações e ganhar a afeição do grande público. Por quê? Ora, primeiro encaixa-se como Arte, uma vez que acolhe elementos como o estranhamento e purificação dos sentidos, confrontando-se com as noções estampadas por Aristóteles, Barthes e Chklovski. Vejamos:

Carolina Maria de Jesus, de forma intuitiva – considerando-se, obviamente, ser uma exímia leitora e cultora das letras –, colocando-se como personagem de sua autoficção, expôs seus dramas, sendo moradora da favela Canindé, nos idos da década de cinquenta, mãe de três filhos e catadora de recicláveis. Faz isso de maneira realística, o que expõe naturalmente ao leitor a crueza de se viver numa sociedade opressora e capitalista.

Noutro turno, impera dizer que, com o seu relato, Carolina Maria de Jesus aproxima-se do leitor pela empatia – modo em que o leitor sente as suas agruras –, e pela alteridade – como dito, pela filosofia Ubuntu, ser porque o outro é. Ao contar o seu desgosto por morar na favela e pela vida que levava, deixa margem a que o leitor se reconheça, com as suas carências e dores; e que com a alteridade, possa se colocar no lugar do outro, e perceber o clamor pela dita redenção.

A oralidade é uma marca que caracteriza a obra, trazendo, à sua essência, traços da cultura negra ancestral, razão pela qual, com fulcro na cultura e na história, deve ser preservada, não havendo necessidade de intervenção quanto ao conteúdo, à

ortografia e à gramática. A oralidade transposta para o texto é, portanto, um elemento que fundamenta a importância da obra, seja para a literatura brasileira, seja para a literatura internacional, da qual não se pode prescindir.

Carolina Maria de Jesus restaura os laços sociais de sua época com o contemporâneo, propondo, assim, a formação de uma sociedade mais justa e igual. A empatia e a alteridade dão a verdadeira intensidade do momento atravessado, que, ora conferidas, permitem a dita aproximação do leitor, fazendo-se partícipe e consciente para o enfrentamento das mazelas sociais.

Por fim, para certificar a excepcionalidade da obra, vê-se que reforça o sentido da proximidade com o leitor o fato de a escrita estar vinculada muito à oralidade, respeitando a variação diastrática, em que expressões e gírias são transcritas; a edição conserva a fala original, inclusive com os “erros” gramaticais, para dar mais vivacidade e plausibilidade ao texto. Reitere-se que a legitimidade da escrita está em perceber e mostrar, de modo claro e explícito, os fatos que acometem a dureza de se viver num país desigual.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, ÍSIS L. DE; PIAZZA GAI, E. T. *Colocar-se na obra literária: uma leitura dos que estão à margem*. Signo, v. 45, n. 82, p. 35-46, 6 jan. 2020.

CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos: Direito à Literatura*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20C3%A0%20Literatura.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2024.

CAVALCANTE, Kellison Lima Cavalcante. *Fundamentos da filosofia Ubuntu: afroperspectivas e o humanismo africano*. Revista Semiárido De Visu, Petrolina, v. 8, n. 2, p. 184-192, 2020.

COSTA, Bianca Albuquerque da. *A imagem e o discurso poético: uma análise de A arte como procedimento*, de Victor Chklovski. Disponível em: <http://www.revistazunai.com/ensaios/bianca_albuquerque_da_costa_victorchklovski.htm>. Acesso em: 16 jan. 2024.

CRISTIANINI, Maria Carolina. *O que há de tão importante no urinol de Duchamp?* Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-urinol-duchamp.phtml>>. Acesso em: 15 jan. 2024.

CULTURA OUL – REDAÇÃO. “*Carolina leva para a página marcas de uma linguagem oral*”, diz escritora no Estação Livre. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/noticias/39252_carolina-leva-para-a-pagina-marcas-de-uma-linguagem-oral-diz-escritora-no-estacao-livre.html>. Acesso em: 17 jan. 2024.

DINIZ, Fabio Gerônimo Mota. *Alteridade e empatia: novos paradigmas para as humanidades no século XXI?* Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/download/7568/5536/21450>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

FANIN, Angela Maria Rubel; VILELA, Carla Prado. A centralidade da linguagem e do trabalho em Quarto de Despejo. *Revista Línguas & Letras – Uniãoeste – Vol. 15 – Nº 29 – Segundo Semestre de 2014*.

FERNANDEZ, Cida. *Literatura como direito humano*. *Revista Emília*, 2020. Disponível em: <<https://emilia.org.br/literatura-como-direito-humano/>>. Acesso em: 13 jan. 2024.

FERREIRA, Naiva Batista. *Quarto de despejo: gênero e autobiografia na literatura de Carolina Maria de Jesus*. Dissertação de Mestrado submetida

ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas – FLET/UFAM, com vistas à obtenção do título de Mestre em Literatura. Manaus, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. – 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

MARTINS, Ana Claudia Servilha; FURTADO, Lilian Borges. Reescrevivências de Maria Carolina de Jesus em Quarto de Despejo. *Revista Cacto Ciência, Arte, Comunicação em Transdisciplinaridade Online* V. 1 N 1 2021 / ISSN 2764-1686.

MARTINS, Jessica Marcelle de Araujo. “Gourmetizaram a burrice”: o preconceito linguístico como mais uma forma de discriminação social. Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Espanhol. Rio de Janeiro, 2023.

MELO, Pedro da Silva. *Carolina Maria de Jesus e a paixão pela escrita: um estudo sociolinguístico de quarto de despejo*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo: 2014.

NUNES, Diogo Cesar. (Im)possível experiência: literatura e alteridade, teoria crítica e ficção científica. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo*, nº 22 – julho a dezembro de 2013 – ISSN 1679-849X.

PUCHEU, Alberto. *Para que serve a poesia?* Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/para-que-serve-poesia/>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

QUEIROZ, Álvaro. *Sobre o conceito de catarse na poética de Aristóteles*. Disponível em: < <https://revistas.cesmac.edu.br/index.php/entrelinhas/article/view/214/160>>. Acesso em: 17 jan. 2024.

SANTOS, Adriano Barreto Espíndola. *A leitura que ascende, descende e incorpora*. Disponível em: <<https://www.banquetejournal.com/news/>>

a-leitura-que-ascende%2C-descende-e-incorpora>. Acesso em: 06 jan. 2024.

SANTOS, Estela. *O que representam as marcas de oralidade em 'Quarto de despejo'?* Disponível em: <<https://homoliteratus.com/o-que-representam-as-marcas-de-oralidade-em-quarto-de-despejo/#:~:text=Em%20Quarto%20de%20despejo%2C%20%C3%A9,%2C%20pelo%20contr%C3%A1rio%3A%20s%C3%A3o%20espont%C3%A2neas.>>. Acesso em: 16 jan. 2024.

SILVA, Adiel Bernardo da; SILVA, Caio José Campos da; SILVA, Gabrielle Claudino da. Marcas da oralidade na obra Quarto de despejo: o diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus. Ao pé da letra - *Revista dos alunos de graduação em letras* – 2019.1, vol. 21.1, ISSN 1984-7408.

VAZ, V. Em Defesa do Insólito: Victor Chklóvski e Guimarães Rosa. *RUS*, São Paulo, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 44-52, 2014. DOI: 10.11606/issn.2317-4765.rus.2014.88701. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rus/article/view/88701>>. Acesso em: 7 jan. 2024.

ADRIANO ESPÍNDOLA SANTOS é natural de Fortaleza, Ceará. É advogado civilista-humanista, deseioso de conseguir evoluir – sempre. Mestre em Direito. Licenciado em Letras-Português. Especialista em Escrita Literária e em Revisão de Textos. Autor, dentre outros, de *Flor no caos* (romance), *Contículos de dores refratárias* (contos) e *Amparo secreto* (contos). @adrianobespindolasantos | adrianobespindolasantos@gmail.com